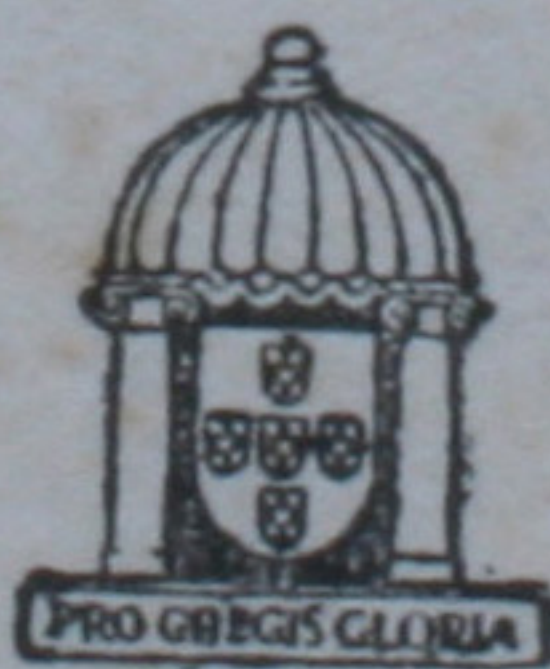


AUGUSTO FERREIRA GOMES

PROCISSIONAL

POËMAS



PORTUGALIA
EDITORA

LISBOA — RUA DO CARMO, 75

RIO DE JANEIRO — RUA BUENOS AYRES, 135

PROCISSIONAL

PROVISIONAL

RESERVADOS TODOS OS DIREITOS

DO AUCTOR:

RAJÁDA DO ENTIA — APONTAMENTOS —
1914 — EXGOTADO.

PROCISSIONAL — POEMAS — 1921.

PARA BREVE:

SCHÉHÉRAZADE — POEMA DO HAREM. (EVO-
CAÇÃO — OS OLHOS DA PRINCÊSA BODOURE — OS
TREZ CALENDERES CEGOS, FILHOS DE REI — A CIS-
TERNA DOS GNOMOS — A CAVERNA DO THESOURO
— A LAMPADA).

A FLAUTA DE DIONYSOS — FRIZOS
PAGÃOS.

EM PREPARAÇÃO:

RESSACA — NOVELA.

*O ESTRANHO HOMEM DAS OPA-
LAS* — NOVELAS. (O COLECIONADOR DE RUIDOS —
O ESTOJO VERMELHO — O HOMEM QUE NUNCA NAS-
CEU — O ESTRANHO HOMEM DAS OPALAS).

AUGUSTO FERREIRA GOMES

PROCISSIONAL

POËMAS



EDIÇÃO DO NUCLEO DE ACÇÃO NACIONAL

MCMXXI

L E I R I A

ALPHABETICALLY

PROVISIONAL

POEMAS



D'esta edição fez-se uma tiragem Rara, de quatorze exemplares em papel Ingres, numerados e assignados pelo auctor, e que pertencem — o numero um ao Occultista hindú RABINDRANATH TAGORE; o numero dois ao Poeta-engenheiro ALVARO DE CAMPOS; o numero trez ao Occultista THEOTONIO AUGUSTO; o numero cinco ao Poeta FERNANDO PESSOA; o numero seis ao Philosopho MARIO SAA; o numero septe ao Pintor-Luzitano ANTONIO SOARES; o numero oito ao Engenheiro GERALDO COELHO DE JESUS; o numero nove ao Maestro-Compositor RUY COELHO; o numero dez ao Poeta AMERICO CORTEZ PINTO; o numero onze ao Artista NARCISO COSTA; o numero doze ao Escultor ERNESTO DO CANTO; o numero treze ao Poeta ACCACIO LEITÃO; o numero quatorze ao Dramaturgo VICTORIANO BRAGA — reservando o auctor para si o exemplar numerado com o numero quatro.

MARGENS DO LYZ — ABRIL DE MIL NOVECENTOS

E VINTE E UM.

Numero cinco

= 5 =

~~Avsuelokreite/ome~~



LEGENDA

LIBRARY

O ARTISTA É A MAIOR GLORIA DE DEUS

Para o Genio de
Fernando Pessoa, com a mais
muita amizade e com
deita consideração, com
abraço, aff. o

Augusto Mendes
Julho 1921



DEDICATORIA

REICHTER

A

THEOTONIO AUGUSTO

NAS MÃOS DE QUEM DEPONHO
ESTA LAMPADA, PARA QUE LHE
VÉLE A LUZ — E A EVITE DAS
SOMBRAS.

THE TOTAL RECEIPTS

...

...

...

...

INANIMADO

IN ANIMADO

E não me torturasse, a falso e falso !
E não mentisse, quando alguém me chama,
Ironicamente, mordax - boba de horror !

Que me deixasse passar pela loucura
- Ou m'a desse, mas loira, com ternura,
Não pedis falsa, a tir, sem ter fulgor...

Soubesse a vida acarinhar-me a vista,
Saudosamente, sem carícias baças ;
Como o sol quando bate nas vidraças,
Subtil, em curva, barbaro amethista !

E ao passar-me as mãos p'lo rosto frio,
Não me enganasse com doirados falsos...
Nem me fizesse ver os cadafalsos
Onde meus avatares morreram, fio a fio...

E não me torturasse, a falso e fama!

E não mentisse, quando alguém me chama,

Ironico, mordaz – bobo de horror!

Que me deixasse passar pela loucura

– Ou m'a desse, mas loira, com ternura,

Não pedra falsa, a rir, sem ter fulgor...

EU

13

A's vezes, tento encontrar-me,
Doito a espinha, estirgo o passo...
Gostava de embriagar-me,
De roubar e ser devasso...

Mas qual, falta-me a coragem;
Não tenho força p'ra nada!
— Se eu gostasse da passagem...
Mas não, não gosto de nada!

.....
Eu adoro os dias nevoentos

E detesto o sol doirado,

Adoro os meus sofrimentos

E fraquezas de tarádo...

Ando sempre a resvalar

N'uma descida sem fim;

Sinto ancias de chorar

— Ou rir, como um arlequim...

A's vezes, temo encontrar-me,
Dobro a esquina, estugo o passo...
Gostava de embriagar-me,
De roubar e ser devasso...

Mas qual, falta-me a coragem;
Não tenho força p'ra nada!
— Se eu gostasse da paysagem...
Mas não, não gosto de nada!...



Apunhalaram-me a Memoria
N'uma noite escura e fria.
Hoje tenho nostalgia
D'essa perdida Memoria!

Sempre que escrevo ou penso,
Vejo sombras a bailar,

E um grande Corvo, no ar
Por entre fumos de incenso!

A vida feita de ferro,
Só serve para quem vive!
— Alegrias — nunca tive,
A minha vida é um enterro!

Quando pretendo viver
Ha sempre alguém a chamar-me,
Uma voz a amaldiçoar-me,
Que me leva sem eu querer!

Já vi que não vale a pena
Dar um tiro — liquidar-me...
— Era uma forma de errar-me,
Mais febril ou mais serena...

Porisso, quando caminho,

Procuro andar devagar...

— Outra forma de enganar

O meu doirado carinho...

.....

Gostava de ser creança,

Ter bibe, cabelo ao vento,

Ser traquina, turbulento,

Andar ao cólo da esperança...

Passear pelos jardins

Pela mão de loira miss...

Viver sempre em meninice

E coberto de setins...

O ESPECTRO

A' MEMORIA DE EDGAR ALLAN POË

O. J. B. P. C. T. R. O.

A. J. B. P. C. T. R. O.

Ergueias de luz n'um velho pálido aberto !
Pelo claustro do jardim um vulto passa incerto,
É um côro da Distancia pelo Prado echos...

N'um leito de turquesa acconchegou-se o Medo,
E o vulto deixou tombar, n'um mystico segredo
— Grinaldas de espheras no fundo da fôrca...

No Throno do Silencio ergueu-se o Rei-Penumbra...
Tarde rosto de louca illuminado a sombra,
— Lethargo — luz de Esphinge que faz rir e assombra
Roçar de pedrarias que ar fêre e deslumbra... —

Sons d'harpas de Deus por sobre o arvoredado
N'um sussurro de luz descendo na alameda...
Tremeram flores de lyz entre brandões e seda,
Pela setteira da Morte, em espectro, olhou o Medo...

Exequias de luar n'um velho pálio aberto !
Pelo claustro do jardim um vulto passa incerto,
E um côro da Distancia pelo prado echoa...

N'um leito de turqueza aconchegou-se o Medo,
E o vulto deixou tombar, n'um mystico segredo
—Grinaldas de saphiras no fundo da lagôa...

No Throno do Silencio ergueu-se o Rei-Penumbra...
Tarde rosto de louca illuminado a sombra,
—L'ethere — luz de Esphinge que faz tir e assombra
Rocar de pedrarias que ar tere e deslumbra...

Sous d'hatras de Deus por sobre o arvoredo
N'um sussuro de luz descendo na alameda...
Tremem as flores de liz entre brandos e seda,
Pela seteira da Morte, em espectro, olhou o Medo...

AO LONGE, VAGAMENTE...

A' MEMORIA DE BEETHOWEN

Minhas ideias — bergantins doirados —
Vão, por mares de turqueza, no Mysterio...
Erra um vago silencio, que funereo,
Sonha pavões de scisma aureolados...

E as Horas-d'Aza — vôos constellados —
Marcam distancias no julgar ethereo
E vôam longe! As horas do Mysterio
São veus de fumo, debeis, apagados...

AD LONCE, TACAMITIB

REVISIT 12 1880

Minhas ideias — bergantins doirados —
Vão, por mares de turqueza, no Mysterio...
Erra um vago silencio, que funereo,
Sonha pavões de scisma aureolados...

E as Horas-d'Aza — vôos constellados —
Marcam distancias no julgar ethereo
E vôam longe! As horas do Mysterio
São veus de fumo, debeis, apagados...

Minha nau naufragou nas rochas do meu Bello!
Quebraram-se os espelhos e os lustres do castello!
A Aguia fitou forte o fundo da montanha!...

Um azul mais opala me velou o olhar!

Uma frota passou errante pelo mar...

.....

O piano vibrou uma balada estranha...

AGUA FORTE

AOS MANES DE GOYA

Pela calçada humida, entre archotes roxos,
Na escolta dos leprosos — livida e algemada —
Tropeçando na capa rota e encharcada
E ouvindo nos telhados o piar dos mochos ;

Tacteando fugir a dois leprosos coxos
Que lhe querem beber a carne enlugarada,
Rasga os pulsos no aço e olha apavorada
A luz gélida e baça dos archotes roxos...

Vem do ceu a cair uma chuva maldicta,
Glacial, de gelatina... E a turba segue e grita
Entre o cheiro da lepra e a bulha das muletas...

Surge um luar polar, vago, de Fim de Mundo,
E livido, contorna a escolta, que no fundo
Da viela se agita em grandes sombras pretas...

QUATRO
CANÇÕES NOCTURNAS

I

Dá-me as tuas mãos,
Dá-me a luz dos olhos...
Não olhes a vida,
A vida é de escolhos!

Dá-me as tuas mãos,
Bebe o meu olhar...
Não olhes a vida;
Não olhes o mar!

Dá-me as tuas mãos,
Pensa só em mim,
E não vás á noite
Errar no jardim !

Dá-me as tuas mãos,
Ungidas de luar...
Não olhes a vida ;
Não olhes o mar...

Dá-me as tuas mãos
Cheias de agonia,
E mal chegue a noite
—Pensemos no dia.

Pensemos no dia,
Sejamos pagãos !
Bebamos a Hora
—Dá-me as tuas mãos!...

II

Teus olhos de sombra
São Velhos Mysterios.
São vagos, aerios,
Teus olhos de sombra...

Murmuram segredos
Teus olhos de Noite.
Teus olhos de Noite.
Têm rezas e mêdos...

Teus olhos de lucto

São crepes rasgados ;

São por Deus pintados

Teus olhos de lucto...

D'alfanges são gumes

Teus olhos de Treva ;

Teus olhos de Treva

São de luz e lumes...

III

Andam as flores a tombar
E morreram os perfumes...
Viraram-se os fios aos gumes
— Emmudeceu o luar...

E pela triste alameda,
Há muito branca e deserta,
Somnolenta, vaga, incerta
Echoa uma Voz de seda...

E a Voz, é livida e esguia...
Voz de Um passado a morrer ;
Voz capaz de entontecer
A mais forte luz do dia...

E' como alguém que atirasse
Uma pedra na cisterna,
E ouvisse a risada eterna,
Mesmo quando se afastasse...

E pela triste alameda,
Ha muito branca e deserta,
Somnolenta, vaga, incerta
Echoa essa Voz de seda...

IV

Inda te vejo passar
Vagamente somnolenta;
Ainda te vejo passar
Esguia, suave e lenta...

Vagamente somnolenta,
Com os cabellos ao vento...
Vagamente somnolenta,
Vejo-te n'este momento...

Com os cabellos ao vento,

O rosto pallido e frio...

Com os cabellos ao vento,

Olhando a prata do rio...

O rosto pallido e frio,

Do mais heraldico porte...

O rosto pallido e frio,

Era uma sombra da Morte!...

Do mais heraldico porte

A tua figura esguia,

Era o espectro da Morte

Que de perto te seguia...

—A tua figura esguia

E a sombra do teu andar!—

A tua figura esguia

Ainda vive em meu olhar...

E esse corpo de luar
Vagamente somnolento,
Esguio, suave e lento
— Ainda o vejo passar!...

HYDROMEL

1800-1810

A minh'alma foi envenenada por Locusta...

E sinto que vivi n'um tempo muito longe...

No jardim, o repuxo, parou... A Hora soará?

Tenho em mim um convento onde só ha um monge

Que pallido me espreita, mas que não me acordará.

E ha flores de bruma no meu caminho... O rio seccou...

Perderam o brilho, todas as pedras — excepto as Engastadas!...

E vivo n'uma dor que ainda não principiou

E vou bebendo a vida em pallidas goládas...

Procuro-me em vão ; não me encontro todo!

— Ha em mim qualquer coisa que não peza!

O meu pálio de Glorias está sujo de lodo...

— Sou-Me nas folhas d'um missal onde se não reza!

E tenho saudades do meu estandarte azul!...

Caio em duvidas se existo ou já morri...

O meu desdem envolve-se com um manto de tule,

E tento ler coisas novas nos livros que já li...

A minh'alma é um phyltro venenoso e triste

Mas que, eu bem sei, não pode envenenar

E alem do Estar-Aqui, outro lugar existe...

Que Ella tenta ver, mas sem o procurar...

Meu elmo já não brilha em tardes de parada,

Meu ginete parou, pressentindo um barranco...

Meus pensamentos são como luz apagada,

Mas que ainda grita em luz—O Resto é Branco!

As velas da minha nau estão esfarrapadas;

O vento passa por ellas; o monje adormeceu...

Meus desejos são taças d'ouro de orgias já passadas;

Meus sentidos, grinaldas que meu gesto teceu...

E a Noite — é um grande leito de veludo onde Ninguem se deita...

JARDIM DESERTO

Grandes alas de cedros, como pagens hirtos,
Em fila, sobre o veludo glauco do relvado...
Um grande lago azul, morto e estagnado
Reflecte em silencio o balouçar dos myrthos...

E nas estatuas brancas, chorando o Passado,
N'um relembrar de beijos ao Poente,
Poisa um azul a ungil-as docemente...
Crystal saudoso, o ar embalsamado,

Suspira e treme como vela acesa
Em candelabro antigo... Taça de turqueza,
Longinqua, a tarde, n'um mysterio attinge

As mãos frias da estatua, a pallida lagôa,
Os cedros e a folhagem... Ao longe, um grito ecoa,
E de purpura e galas todo o ceu se tinge...

MUMIA

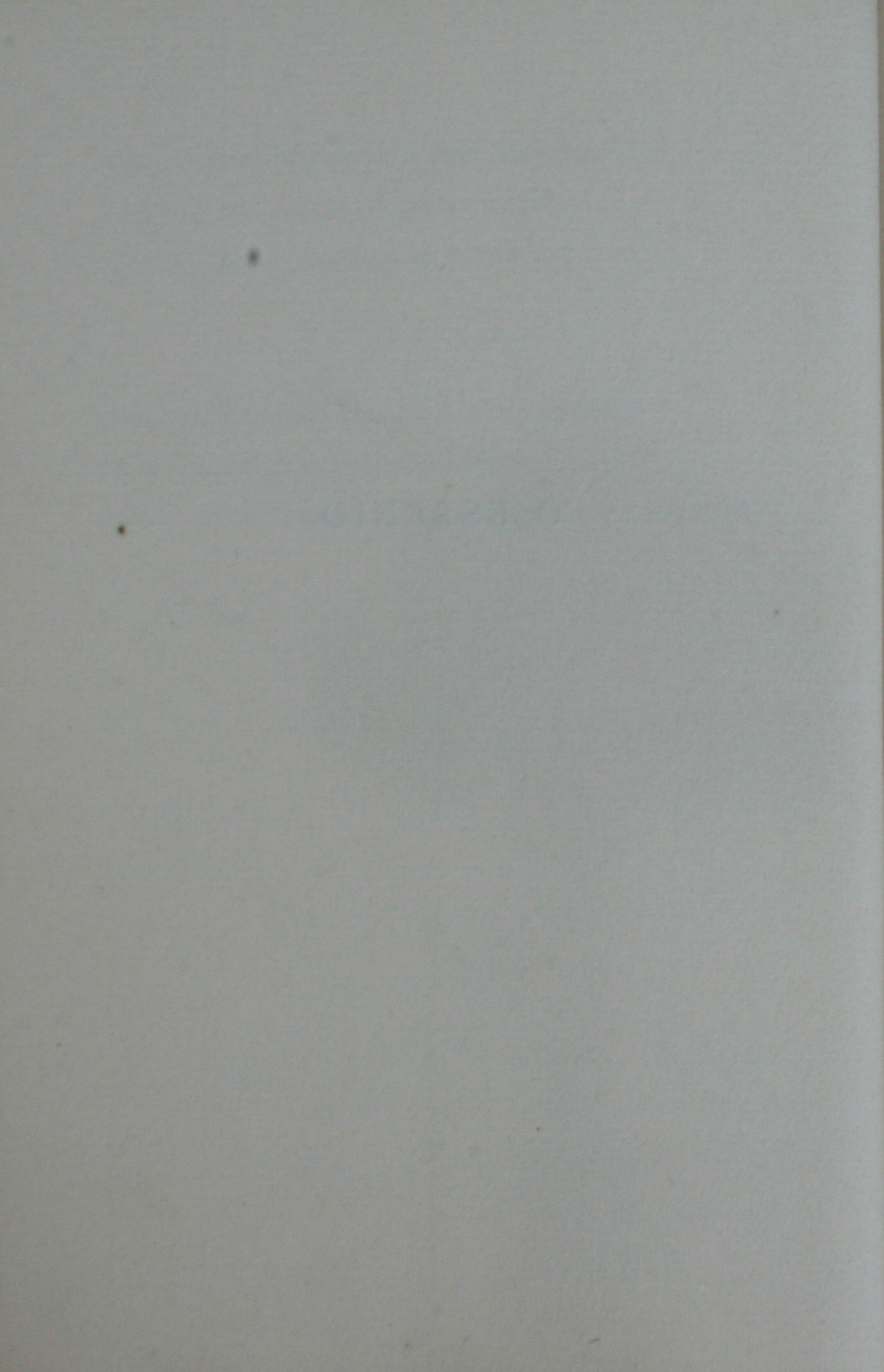
Da noite éscura fallas aos ausentes
E recordas perfis vagos de sonho...
E's a saudade em cujo espelho pônho
Meus dedos hirtos—pallidos doentes !

Ha sempre ao teu redor uma amphora partida ;
Um sopro de luar n'um mausoleu violado,
E a sombra sangrenta d'um córte macerado
D'outra mumia spectral, afugentando a Vida...

Que oleos perfumados?... Que linhagens finas
Ungiram esse ventre aberto ao meio?...
Que alleluia de pedras te floriu no seio?...

E os beijos d'amor!?... E as joias opalinas
Que viveram as orgias crystalinas
D'esse corpo lustral?... E a Morte?... e o teu receio?...

O ESSENIO



Vejo sombras antigas nas palmeiras d'oiro
Da suave Jericó... D'azul e melodias
O ceu é manto ao vento... Rebrilham pedrarias
Tombadas ao acaso d'algun velho thesoiro...

Perfumes de Lilaz pairam languidamente ;
Suave, a flauta chora na orla de um caminho...
Um grito de luar surge por entre arminho,
E o som da flauta, morre, alem, pallidamente...

Da Vontade de Deus ergueu-se a noite calma,
Azul, bordada em prata, suave, feita d'alma
Com scintilações raras de anthracite...

E das pallidas arcadas do luar, rolaram
Faixas de Illuzão- que me mostraram
- A sombra de João, errante, no Asphaltite...

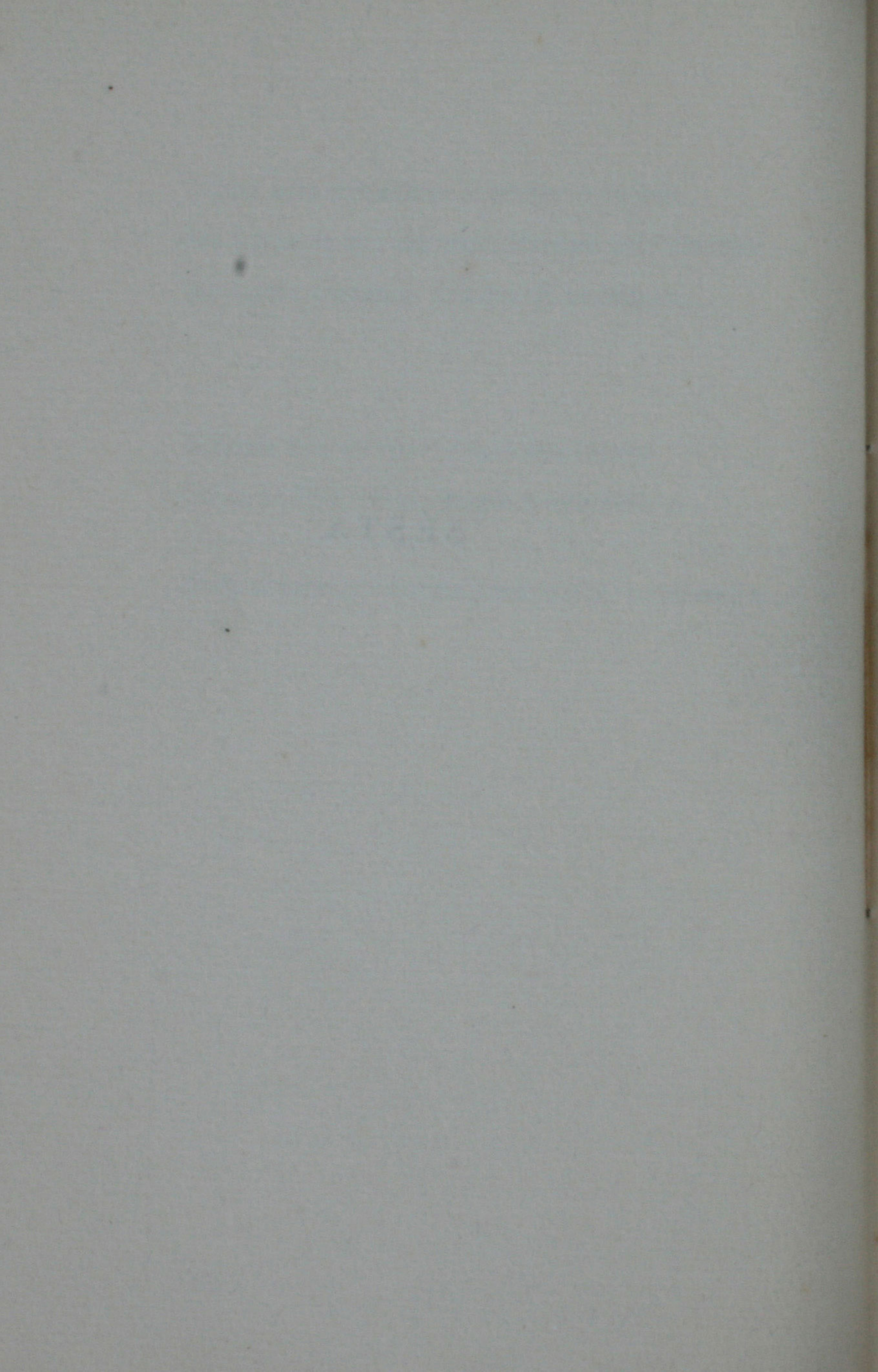
PAGÃO

O luar vem magestoso acalentar o somno
dos gyrasois que dormem. Passam pela clareira
excitantes perfumes mornos de abandono...

A Noite traz no rosto a pallidez inteira
tecida de lilaz – azul – magia e outomno...

.....
E a flauta em toda a orgia, cessou p'la vez primeira...

SÉSTA



A tarde é uma forja incandescente,
E o vermelho tornou-se uma obseção... /ss
Jorra o calor da terra como de um vulcão
n'uma allegoria estranha e refulgente...

E toda a gente tomba, como que demente
tocada de magia, n'uma prostração...
E rubros e amarellós, passam, veem, vão,
N'um bailado de côres, allucinadamente...

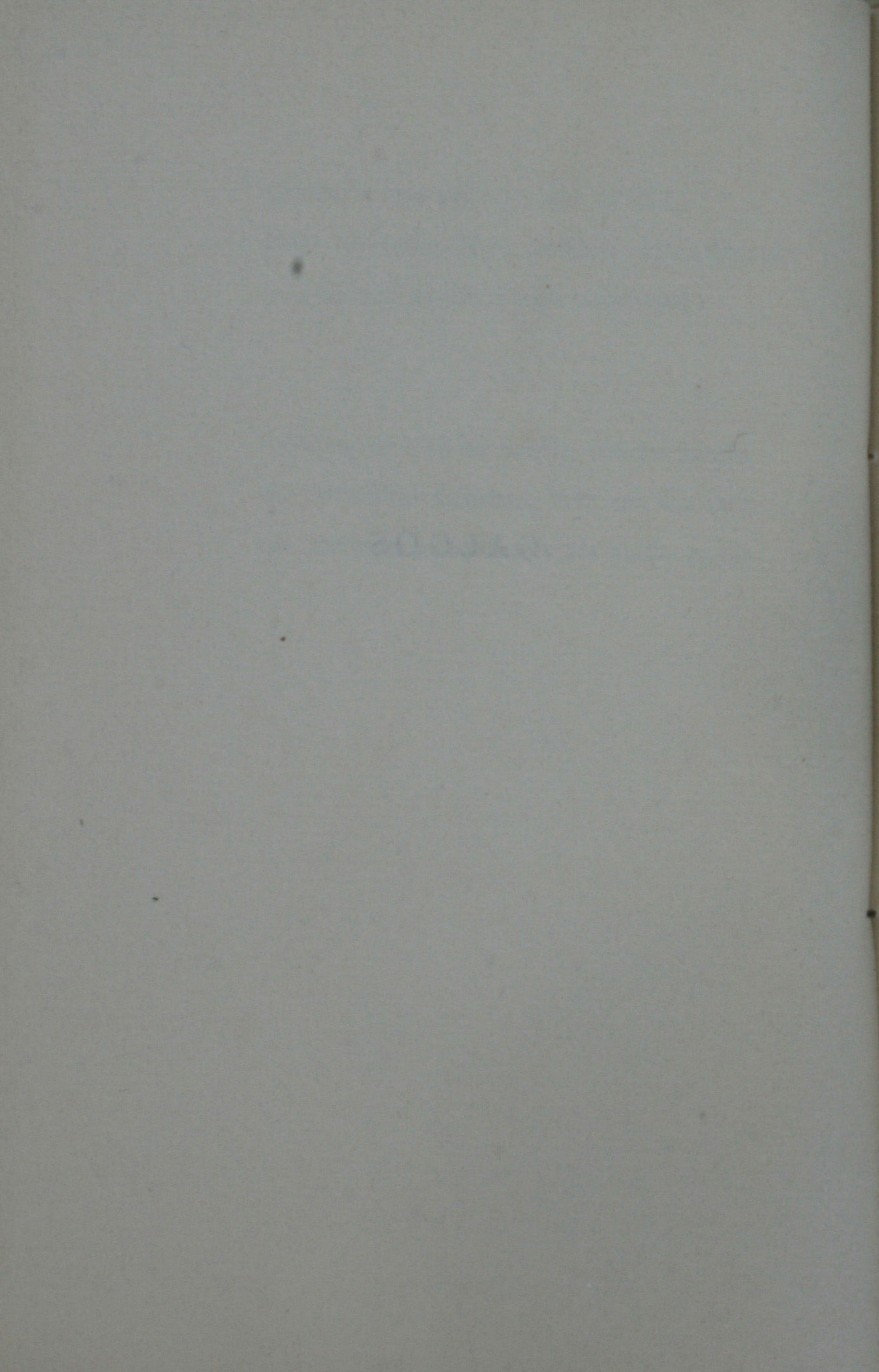
Cessou a vida em tudo que se vê!

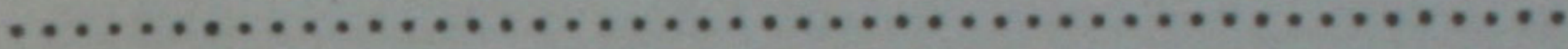
Hora Mystério – Hora Sombra – Hora Mercê!

– O bailado da côr é uma convulsão!

E todos, ao cólo do Sonho, vão dormindo
nas incognitas sombras. Pelo ceu vae indo
um zumbido de abelhas e um halito pagão...

GALGOS



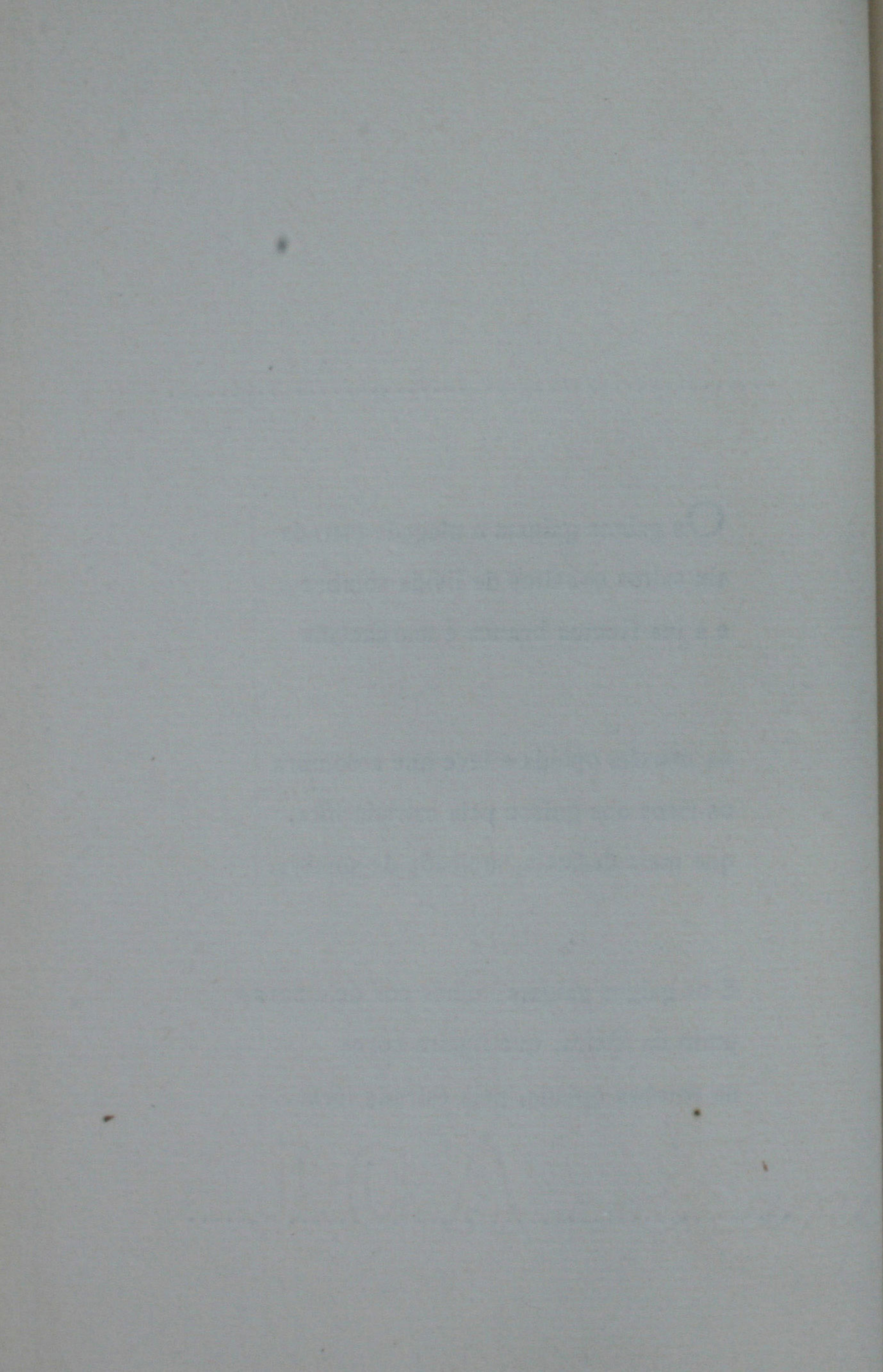


Os galgos galgam a alagada estrada
em saltos cobaltos de livida sombra
e a lua fluctua branca e marchetada

na marcha opiada e leve que assombra
os risos dos guisos pela estrada fóra,
que meia desmaia, molhada de sombra.

E os galgos galgam — olhos cor de amora —
junto da liteira, que ligeira corre
na sombra opiada, pela estrada fóra...





NAUFRAGIO

Como tu, n'um mar negro, mar Mysterio,
Ha muito que navego, erradamente,
Em busca d'esse porto inexistente
Do qual me fallas baixo, em ar funereo...

Perdi-me n'este mar de estranha dôr
Onde á noite, um luar côr de caveira
Brilha em sinistra luz de pederneira
Que faz viver do mar a negra côr!...

Quando soará p'ra nós ess'Hora opaca,
Em que bebada de sombra, na ressaca
Te desfars na praia, junto a mim!

Então soaro pelos ares trombetas d'ouiro!...
E rolaro as pedras de um thesoiro!...
—E morrer o cysne de Lohengrin!...

A LOUCURA DA HORA

Para lá da paisagem, as árvores — só pensal-as...
Deserto areal. A luz, cahindo aos gômos...
Tristeza de um inverno n'um pomar sem pômos...
Legenda de arabescos ; só no fundo, valas...

Toda tédio, esta Hora, de um azul nocturno
Desdobra-se sem fim, para mim vindo...
O seu perfil é estranho, triste e lindo,
E sobraçando lyrios, com o olhar soturno,

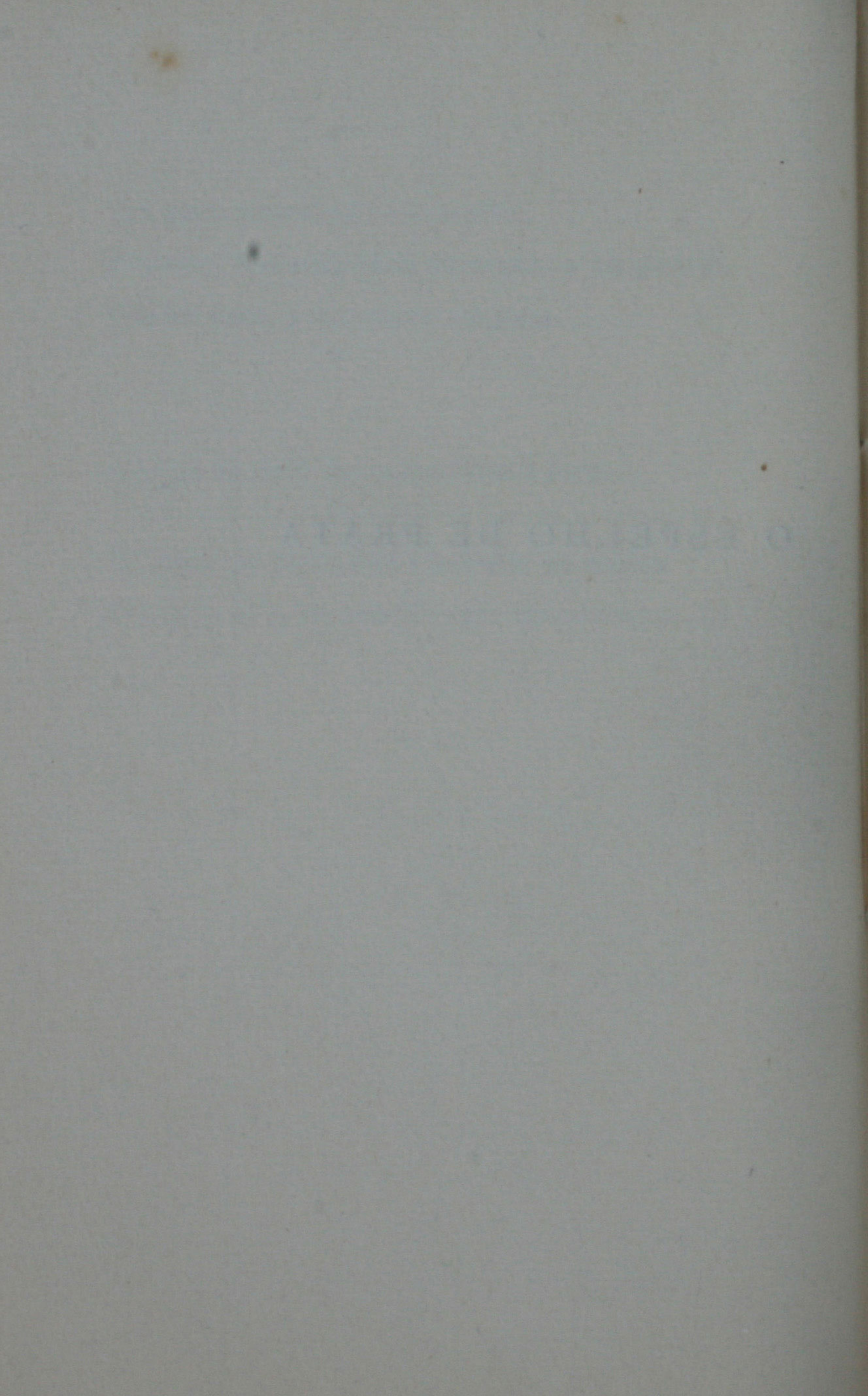
Seu gesto sideral não tem sentido
E morre. Mas para cá da paisagem, n'um gemido,
Não sei onde, a luz, parou suspensa...

O olhar da Hora tornou-se louco e baço...

.....

(O céu é um ponto azul a balouçar no espaço
E a terra, feita escombros – uma convalescença...)

O ESPELHO DE PRATA



Ha em mim retiarios e vestaes,
Gladios de fogo ao profundar da alma...
Minha presença é grega, bella e calma
—Sou Cesar dos Imperios-Irreaes...

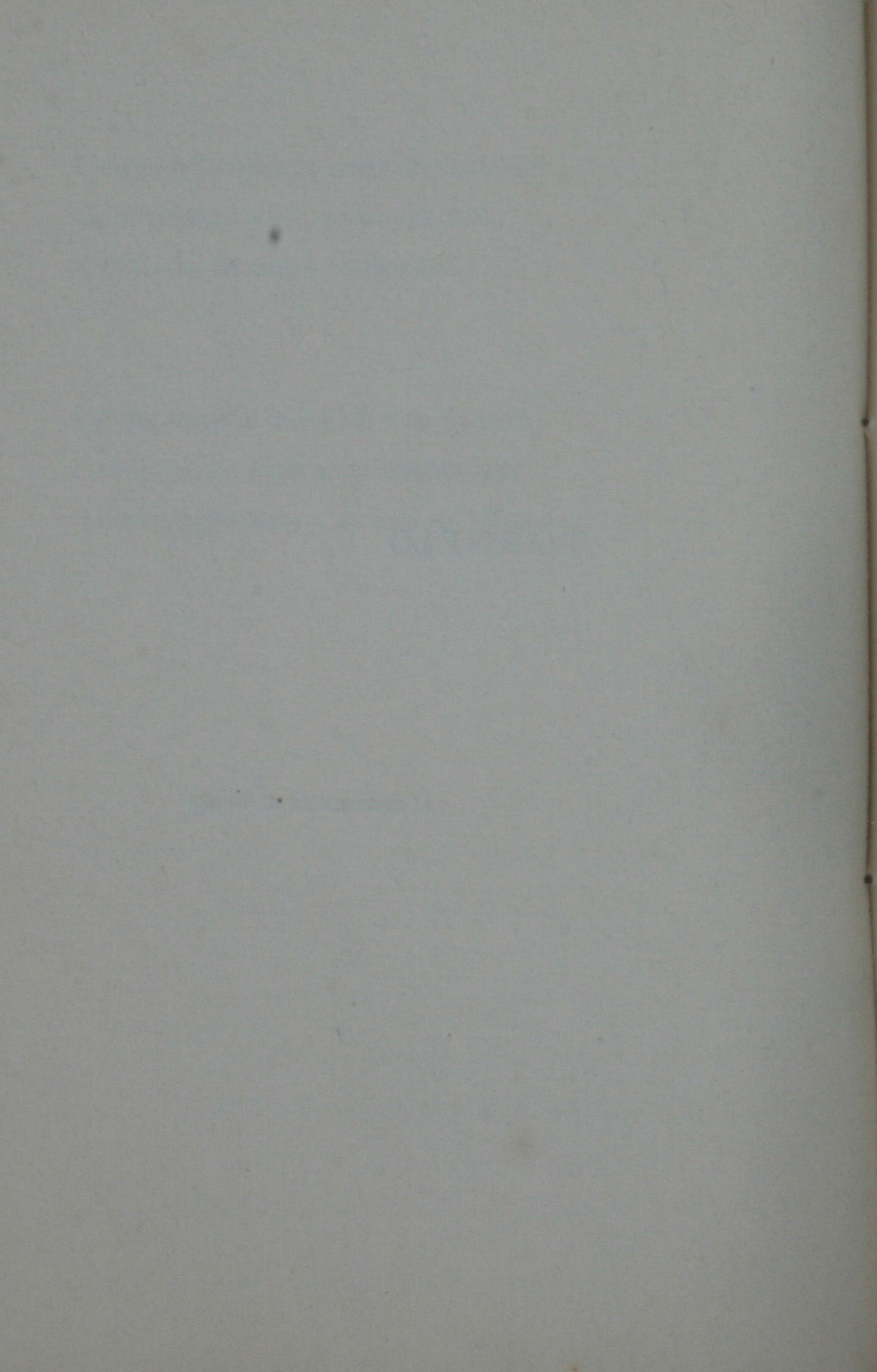
Ha dentro em mim opalas e chacaes,
Marmores de Phidias estatuardo a alma!
Silencio e Pompa!... Corôas de louro e palma...
—Minh'alma é tigre, aos saltos, nos juncaes!...

E matei o Dragão na porta do Castello!
Illuminei-me a azul, a oiro e a Bello
E cobri-me de negro e linho fino!...

Fui um instante inutil em vida passada,
E em silencio, minh'alma amaldiçoada
—Será eternamente a sombra de Ugulino...

TORNEIO

A' MEMORIA DE A. DÜRER



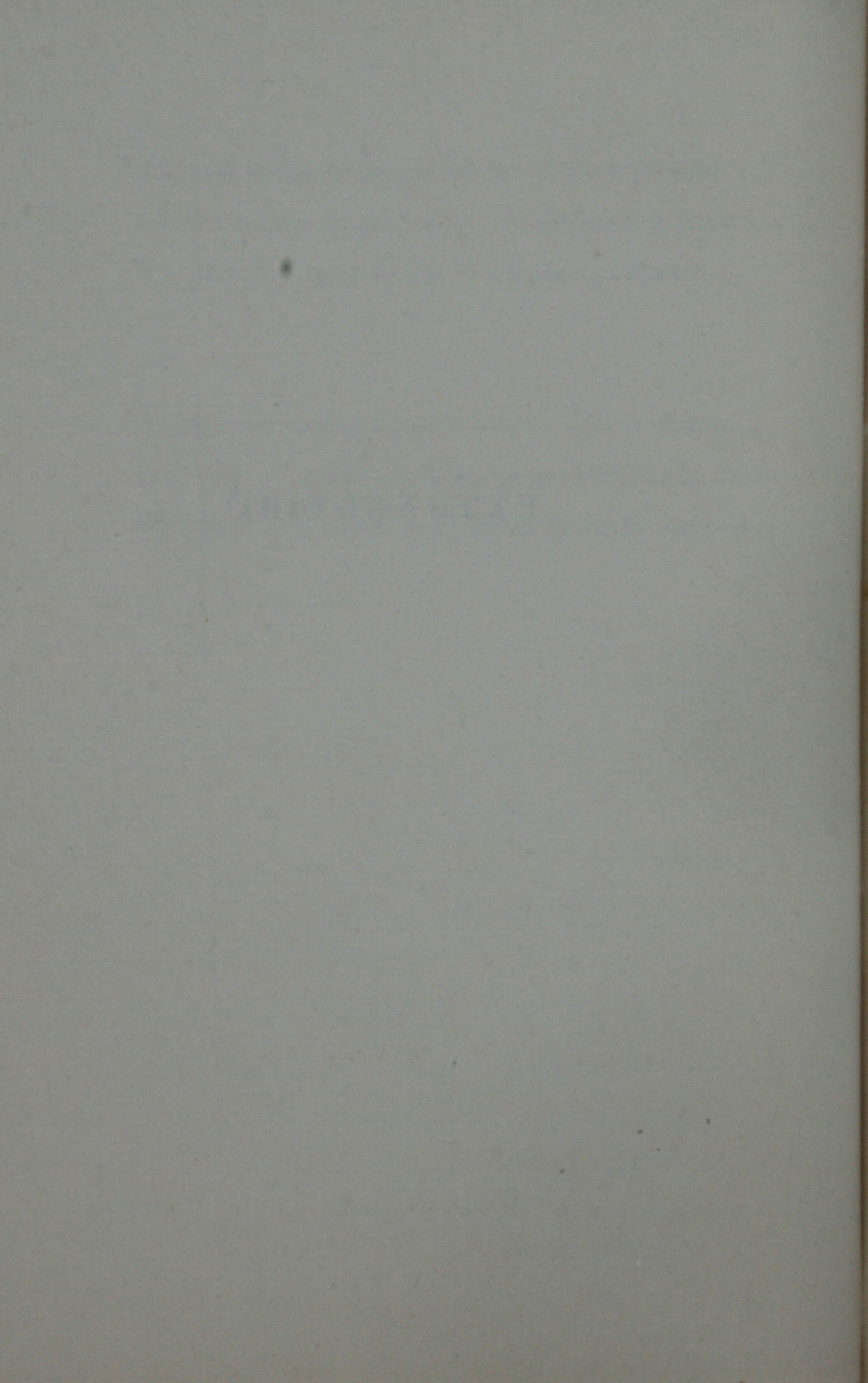
Anoitece em seus gestos um perfume de lyrios
Em tarde que a legenda floriu. Mole
De perfis mosqueados por um sopro de sol,
Que os torna hirtos, com olhos de martyrios...

E onde o acontecer isto foi sonho ou logo?... /a
Tragico fremir de gladios! Aza! Fumo
De paysagens mais longe... Alem... Perdido rumo!...
Não se vêem divisas... Dentro o pó tudo é vago...

Chovem loiros de heroes em tardes de esplendor
N'um bordado de glorias!... Perturba-se o rumor...
E seda e oiro grita ao sol! E espadas... E aneis...

Elmos sem plumas dormem sobre o pó em chama,
E d'entre a escultura das lanças um moribundo clama
Glauco de dôr, esphacelado pelas patas dos corceis...

EXTRANGEIRO



Olha, soturno – Mumia – a lampada de argila...

E nevoento sonha, coroado de chimeras,
Na alleluia das pedras ao luar!...
Pobre estrangeiro, sempre a vaguear
– Domador paralytico entre féras...

Extrangeiro, tu não vês que tudo é falso,
O perfil das amphoras, o rythmo das curvas,
E que as Horas vão passando turvas
Quaes martelladas sobre um cada falso?...

Aquella mimica figura que passou

— Silhueta tragica d' Amor —

Não tem a pallidez, nem o esplendor

Com que a tua morbidez a decorou...

Não evoca Granadas no andar

Nem morphinas subtis comsigo traz ;

Não olha — pinta os olhos de lilaz...

Não pensa — quando olha ou finge olhar...

Olha, soturno — Mumia — a lampada de argila ...

Ashaverus do Sonho... Resto de Manto

Real... Punhal perdido...

Pedra falsa no lôdo... Desvanecido

Aroma — lembrado e sem encanto...

Som de gong... Pendão sem ter Victoria...

(Hospede de ti mesmo, aborrecido...)

Desejo satisfeito e apetecido

– Fôsko estrangeiro, Fumador de Gloria!...

.....

E na luxuria das plantas,
Dos lyrios negros, das dhalias,
Escutas o som das sandalias,
E a sonhar ficas com tantas

Bellezas loucas em fumo!
Babylonias no olhar!
(A multidão a passar)
Luar parado e sem rumo!...

E agora a multidão – correu ao Music-Hall... /l

Uivos de vermelhão... Letras a rir...
(Ha quadros de Goya nos portaes)

No cartaz em bailados vis, fataes,
As enormes letras sentem-se rugir...

E como tudo é eternamente errado,
Estéril, monotono e indiferente,
Tu, estrangeiro, lá vaes inconsciente
Assistir ao rutilo bailado...

Olha, soturno – Mumia – a lampada de argila...

Gestos irmãos dos repuxos!
Granadas, laminas frias...
Parques só de nostalgias
Com eunuchos d'entre os buxos...

/n
E simulando um alfange,
Cortas o ar ao bailado
(Esse ar todo orchestrado
De musica que não tange...)

Melodia d'alma errante
Feita de sonho e perfumes,
E' um extrebuchar de gumes
Champagne baço e gritante...

Rondas de sedas gementes
Com odaliscas esguias,
Coroadas de pedras frias
E joias feitas serpentes...

E' tudo tinta opiada,
Somnolenta, de charão...
Longinqua evocação
D'uma tarde de parada...

E o som vindo do aroma
—Flautas de tédio no ar—
Scintilla a bruxolear
—Ruido lustral de Sodoma...

Mas soa um grito, a silvar,
Selvagem, rico, africano...
—Risca-se um perfil cigano
De pandeireta no ar...

Musica barbara e lenta
De batuque e velhas latas...
Grito indigena, de piratas
Em maldição á tormenta!...

Peza o ar no proprio ar
E todas as boccas, sensuaes
Têm rictus infernaes
N'uma ancia de beijar...

E qual "Homem das Multidões" guiado por Satan,
Envolto pela Noite que a alma te anniquila
Serás sempre estrangeiro, em busca da manhã
— Guiado pela luz molle da Tampada de Argila...

FINIS

GRATIA PLENA

ACABOU-SE A IMPRESSÃO D'ESTE LIVRO N'ESTA CIDADE DE LEIRIA E OFFICINAS GRAPHICAS DA «TIPOGRAPHIA LEIRIENSE» AOS QUATRO DIAS DO MEZ DE JUNHO DE MIL NOVECENTOS E VINTE E UM DA ERA DE NOSSO SENHOR JESUS CHRISTO. ESTA EDIÇÃO PERTENCE AO «NUCLEO DE ACÇÃO NACIONAL» E D'ELA É DEPOSITARIA A LIVRARIA «PORTUGALIA EDITORA». RUA DO CARMO, SETENTA E CINCO, EM LISBOA.

